

Exemplar avulso: R\$ 23,60



NOVAS GERAÇÕES

Além do
uniforme

Pastoreando a
Geração Alfa

Olhar que
abraça



UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

JUL-AGO • 2026



ELE OROU COMIGO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Há alguns dias, passei um fim de semana no colégio interno em que meus filhos estudam. Na sexta-feira à noite, após o culto, fui convidado pelo meu filho mais velho – que auxilia na capelania – a visitar alguns quartos e orar com os alunos. Foi uma experiência renovadora. Pude conhecer um pouco dos desafios, das alegrias e dos sonhos daqueles jovens. Alguns até me chamaram de preceptor!

Em um dos quartos, enquanto orávamos, “viajei no tempo” e me lembrei de uma ocasião que marcou minha vida. Há mais de 25 anos, quando eu cursava Teologia, recebi a visita do preceptor Paulo, em uma tarde fria. Naquela época, eu enfrentava momentos de luta e incerteza. Ele entrou em meu quarto, de maneira simples, e disse: “Posso orar com você?” Aquela oração fez toda a diferença e produziu frutos que permanecem até hoje.

Infelizmente, algum tempo depois, “Prepa Paulo” – como era carinhosamente conhecido – faleceu de forma trágica e inesperada. Quando recebi a notícia, fui tomado por uma profunda tristeza. Perdi um amigo. A lembrança que guardo dele se resume a isto: “Ele orou comigo.” Ao abraçar os jovens do internato naquela noite, procurei fazer por eles o que, um dia, Paulo fez por mim.

Trabalhar com as novas gerações é uma necessidade urgente. Precisamos nos aproximar delas, envolver-nos em sua realidade, compreendê-las e amá-las. Nossas crianças e adolescentes têm sido moldados por influências culturais como nenhuma outra geração: a lógica do imediatismo, a rolagem incessante das telas, a busca por validação e a superficialidade dos relacionamentos. Em vez de recorrer a rótulos depreciativos como “geração mimimi” ou “geração nutella”, devemos valorizá-las, acolhê-las e discipliná-las com intencionalidade, dizendo: “Jovens, [...] vocês são fortes” (1Jo 2:14, NVI).

A Bíblia afirma: “Uma geração contará à outra a grandiosidade dos Teus feitos; eles anunciarão os Teus atos poderosos” (Sl 145:4). Estamos cumprindo essa missão em nosso ministério? Como estão os cordeirinhos do nosso aprisco? Ellen White fez a séria advertência: “A causa da verdade perde muito por causa da falta de atenção às necessidades espirituais dos jovens. Os ministros do evangelho devem travar relações de amizade com a juventude de sua congregação. Muitos são relutantes neste ponto, mas

sua omissão é pecado aos olhos de Deus” (*Obreiros Evangélicos* [CPB, 2024], p. 161).

O pastor e líder de jovens Barry Gane fez outro alerta: “Qualquer igreja está a apenas uma geração da extinção.” À primeira vista, essa afirmação pode soar exagerada, mas não é. Perder a influência sobre as novas gerações compromete seriamente a relevância e a continuidade da própria denominação. Ellen White escreveu: “Os jovens são nossa esperança para a obra missionária” (*Fundamentos da Educação Cristã* [CPB, 2025], p. 252). Investir em crianças, adolescentes e jovens é, portanto, investir no futuro da igreja.

Diante dessa realidade, algumas sugestões são valiosas: participe com frequência das reuniões dos clubes de Desbravadores e Aventureiros; vá periodicamente às classes do Ministério Infantil; invista em pequenos grupos de jovens; abra sua casa, converse com eles, esclareça suas dúvidas e conheça o nome e a história de cada um; aprenda a ouvir antes de ensinar; ao pregar, não se esqueça de se comunicar também com as crianças; dê voz aos jovens e inclua-os na liderança; e promova experiências de serviço e missão, dentro e fora da igreja.

Um dia, alguém orou por mim. Hoje é a nossa vez de não deixar essa história parar. ■

“
**Trabalhar
com as novas
gerações é uma
necessidade
urgente.**”



8

Fala, jovem!

Lizzie Caroline

Daniel Tapia

Malena Gaona

João Argenton



12

Juventude em crise ou discipulado em falta?

Carlos Campitelli



16

Além do uniforme

Jeferson Silva

20

Olhar que abraça

Keiny Goulart



24

Ver e ouvir as novas gerações

Sérgio Festa



28

Pastoreando a Geração Alfa

Suzete Águas



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 98 – Número 586 – Jul/Ago 2026
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e Layout Fábio Fernandes

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Carlos Gill; Otávio Barreto; Jônatas Leal; Pablo Ale;
Jongimipi Papu; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Claudiney Santos; Cristhian Zaldúa; Daniel Ibarra;
Edison Choque; Elieser Vargas; Francisco Abdoval;
Guillermo Efrain; Henrique Gonçalves; Javier Ayala;
José Erinaldo; José Wilson; Luis Mário; Marcelo
Carvalho; Milton Mayo; Otmar Gonçalves;
Reginaldo Irala.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatui, SP

Presidente Wilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 114,90
Exemplar Avulso: R\$ 23,60



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.



Dê
play
nesse
novo capítulo.

cpbplay.com.br

MICROBES / Adobe Stock / Imagagem Generativa



Escreva para a MINISTÉRIO



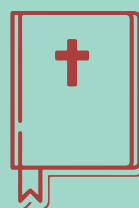
ministerio@cpb.com.br

AaI

Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain
Revelation* (Berrien
Springs, MI: Andrews
University Press,
2013), p. 46.

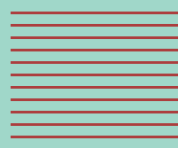
Insira **notas** de
fim de texto



Use a versão
bíblica **NAA**



Envie uma foto
pessoal em alta
resolução



Escreva textos de
8 mil até **12 mil**
caracteres com
espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Carlos Gill
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul



O MAIOR LEGADO DE UM PASTOR

Como pastores, ao recebermos a responsabilidade de cuidar de um distrito ou exercer outra função ministerial, naturalmente desejamos ver a obra avançar: novos membros, novas igrejas e novos lugares alcançados pelo evangelho. No entanto, existe uma pergunta que nem sempre fazemos: Qual é o maior legado que posso deixar como pastor? A resposta pode ser resumida em uma frase simples: o maior legado de um pastor é outro pastor.

Isso não significa que igrejas, batismos ou novos projetos não sejam importantes. Pelo contrário, eles têm grande valor. Mas tudo isso precisa de continuidade. E a continuidade da missão depende de pessoas chamadas por Deus, preparadas para servir e dispostas a levar adiante Sua obra.

Na Bíblia, os grandes servos de Deus deixaram outros servos. Moisés deixou Josué. Ele não apenas conduziu o povo, mas preparou alguém para continuar a missão. Elias deixou Eliseu. O profeta encontrou um jovem arando a terra, lançou sobre ele seu manto e o chamou para o serviço profético. Paulo deixou Timóteo, Tito e outros obreiros. Seu ministério não foi solitário; foi multiplicador. Por isso, escreveu: “E o que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas, isso mesmo transmita a homens fiéis, idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2).

Ellen White destacou que os ministros mais experientes têm a responsabilidade de investir na formação de jovens obreiros: “E nossos pastores devem se dedicar muito mais a auxiliar e educar jovens obreiros” (*Obreiros Evangélicos* [CPB, 2024], p. 57). Observe que ela não diz que os pregadores deveriam fazer isso apenas se tivessem tempo. Ela afirma que devem dedicar muita atenção a esse assunto.

A pergunta, então, é: De que maneira podemos deixar outro pastor como legado? Primeiro, é preciso assumir essa missão como um propósito de vida e ministério. Cada distrito, cada igreja e cada instituição deveriam se tornar espaços para descobrir vocações a serviço da missão.

Também precisamos orar por discernimento. O chamado vem de Deus. Por isso, o pastor deve pedir: “Senhor, abre meus olhos para enxergar o que Tu já estás fazendo no coração de algum jovem”. Quando um jovem demonstra amor pela Bíblia, sensibilidade espiritual, paixão pelas pessoas,

fidelidade nas pequenas coisas e disposição para servir, devemos agir de forma intencional. Um convite pode despertar uma vida. Uma palavra de confiança pode impactar uma geração.

Além disso, precisamos oferecer oportunidades. O ministério é aprendido observando, praticando e sendo acompanhado. Muitos chamados amadurecem quando alguém abre espaço, confia, orienta e caminha junto.

Por fim, precisamos encorajar outros jovens. Não se trata de fabricar chamados humanos, mas de ajudar o jovem a ouvir a voz de Deus e discernir se o Senhor o está chamando para o ministério.

Devemos nos perguntar: “Quando eu deixar este distrito ou esta responsabilidade, quem terá se aproximado do ministério por minha influência?” O legado mais sagrado será olhar para trás e dizer: “Senhor, por Tua graça, ajudei alguém a ouvir o Teu chamado.”

Afinal, um pastor que forma outro pastor está semeando o futuro da igreja. Um pastor formado para servir a Cristo pode abençoar gerações, proclamar o evangelho eterno e preparar muitos para se encontrarem com o Senhor em Sua vinda.

Por isso, vale a pena repetir: o maior legado de um pastor é outro pastor. ■

“
**Um pastor que
forma outro
pastor está
semeando o
futuro da igreja.**”



INVESTIMENTO NAS NOVAS GERAÇÕES



Dos cerca de 2,7 milhões de adventistas no território da Divisão Sul-Americana, aproximadamente 395 mil – o equivalente a 14% dos membros nessa região do mundo – são crianças e adolescentes de até 16 anos. É justamente nessa faixa etária que a igreja no continente tem registrado o maior número de batismos, evidenciando a força e o potencial das novas gerações no avanço da missão.

Entre 2022 e 2024, iniciativas de evangelismo e discipulado alcançaram mais de 1 milhão de crianças e adolescentes em oito países sul-americanos.¹ Esse movimento revela um esforço intencional da igreja, que vai desde investimentos em infraestrutura – como a construção e revitalização de espaços infantis nos templos locais – até o desenvolvimento de materiais, programas e estratégias voltados à formação espiritual desde os primeiros anos de vida.

Ainda assim, em um contexto marcado por mudanças rápidas, novas linguagens e formas cada vez mais diversas de se relacionar com a fé, surge um desafio inevitável: Como alcançar, envolver e discipular crianças e adolescentes de maneira realmente significativa?

Para refletir sobre esse cenário e apontar caminhos possíveis, conversamos com Gláucia Korkischko, líder do Ministério da Criança e do Adolescente para oito países da América do Sul. Ao longo de sua trajetória, também atuou como professora, orientadora, coordenadora pedagógica e diretora escolar. Sua experiência com o ministério

“O discipulado eficaz é relacional: envolve caminhar lado a lado, servir de modelo e exercer mentoria.”

infantil se desenvolveu não apenas no ambiente educacional, mas também nas congregações locais por onde passou. Pedagoga, psicopedagoga, mãe e servidora ativa, ela tem se dedicado à formação espiritual de crianças e adolescentes, dialogando com as demandas reais de uma geração em constante transformação.

Por que o foco da igreja nas novas gerações é tão urgente neste momento da história, e quais desafios mais preocupam a liderança hoje?

É urgente porque essa geração está em formação, em pleno desenvolvimento, inserida em um mundo repleto de atrativos que podem desviá-la do foco principal: a salvação. Os desafios são muitos, e os dados indicam que, a cada ano, um número significativo de jovens tem se afastado da fé.

O que podemos fazer para que crianças e adolescentes não apenas frequentem a igreja, mas desenvolvam uma identidade espiritual sólida e um senso de missão?

Precisamos ajudá-los a amar Jesus e a Sua Palavra, cultivando em seu coração valores eternos. Isso envolve discipulado intencional e consistente, que vá além da realização de eventos, programas e projetos. Mais do que mantê-los ocupados, é essencial conduzi-los a uma experiência pessoal e significativa com Deus, incluindo atividades missionárias para cada idade.

Na prática, o que caracteriza um discipulado eficaz para as novas gerações? Onde os líderes mais têm acertado e onde ainda precisam avançar?

O discipulado eficaz é relacional: envolve caminhar lado a lado, servir de modelo

e exercer mentoria. Muitos líderes têm acertado ao abrir espaço para os jovens e acompanhá-los de perto em sua jornada espiritual. No entanto, ainda há quem precise avançar nessa compreensão. Em algumas igrejas, por exemplo, eles sequer têm oportunidade de ocupar o púlpito, muitas vezes por falta de confiança.

Vivemos em uma cultura altamente digital e marcada por mudanças rápidas. Como a igreja pode dialogar com essa realidade sem perder sua mensagem profética?

Com sabedoria, fundamentação bíblica e disposição para ouvir. A igreja precisa compreender o universo das novas gerações, aprender com elas, preparar recursos digitais contextualizados, e, juntos, construir caminhos em que seus dons sejam colocados a serviço da missão.

Qual é o papel da família no desenvolvimento espiritual de crianças e adolescentes, e como os pastores podem apoiar pais e responsáveis de maneira mais intencional?

A família é o alicerce – sem ele, não há estrutura que se sustente. Pastores e líderes podem, e devem, apoiar os pais por meio de orientações, encontros, palestras, vivências coletivas e mentoria. Tudo isso contribui para a compreensão de uma verdade essencial: tudo começa em casa.²

Que tipo de liderança é necessária hoje para alcançar as novas gerações e cuidar delas? Como preparar pastores, professores e outros líderes para esse desafio?

São necessários líderes dispostos a se conectar com essa geração. Vivemos na era da conexão – sem ela, não há comunicação, e vice-versa. Nesse sentido, a Divisão Sul-Americana tem investido, ano após ano, em cursos que abordam temas relevantes e atuais, com o objetivo de capacitar e formar líderes mais preparados para esse desafio.

Qual é a sua oração e expectativa para as novas gerações na América do Sul? Que tipo de igreja a senhora espera ver como resultado das ações estratégicas ao longo deste quinquênio?

Minha oração é por uma igreja que ame, motive, dê espaço, instrua, estude e apoie de todas as formas possíveis, inclusive financeiramente. Uma igreja intergeracional, que una pais, filhos e a educação cristã, com o propósito de formar jovens fiéis, como Daniel, para os dias de hoje: meninos e meninas cheios dos valores do Reino eterno.

São necessários líderes dispostos a se conectar com essa geração. ■

Referências

- ¹ Maita Torres, “Relatório evidencia fortalecimento missionário na América do Sul”, *Adventist News Network*, disponível em <link.cpb.com.br/1e830e>, acesso em 23/4/2026.
- ² “Tudo Começa em Casa” é o título da nova proposta de convivência e aprendizado coletivo da Divisão Sul-Americana. A iniciativa é resultado de uma parceria entre os Ministérios da Criança, do Adolescente, da Família, da Mulher, da Educação, e dos Aventureiros e Desbravadores para o período de 2027 a 2030.



O que dizem as novas
gerações sobre ministério
e discipulado

Lizzie Caroline

Sou pernambucana, nascida e criada em um lar adventista. Desde pequena, estive envolvida nas atividades da igreja, mas sempre carreguei o desejo de ir além do comum. Em 2017, participei do projeto *Um Ano em Missão*, em Recife, uma experiência que marcou profundamente minha compreensão de propósito e chamado.

Em 2018, iniciei minha atuação como advogada na Associação Pernambucana, onde servi por sete anos. Em 2025, recebi o chamado para atuar na Associação Paulista Sul, em São Paulo, onde sigo atualmente.

Ao longo dessa jornada, estive envolvida em diferentes ministérios, especialmente com Aventureiros, Jovens e Desbravadores, áreas pelas quais tenho grande carinho. No entanto, uma das maiores lições que aprendi foi que, mais importante do que ter preferências, é estar disponível.

Hoje sigo assumindo novos desafios, com a convicção de que servir a Deus significa estar disposta a atuar onde a igreja mais precisa.



O que a juventude adventista espera de seus pastores e da igreja? A palavra que melhor define essa expectativa é: apoio. Os jovens estão em uma fase de descoberta de dons, talentos e propósito – e, nesse processo, o papel do pastor é essencial. Mais do que líderes, eles são mentores espirituais capazes de enxergar potencial onde, muitas vezes, o próprio jovem ainda não consegue ver. Quando um pastor apoia, ele não apenas motiva; ele ajuda a direcionar destinos.

Falo isso a partir da minha própria experiência. Houve líderes que olharam para mim e decidiram investir:

incentivaram-me a participar de capacitações teológicas, cursos de plantio de igrejas e outros treinamentos. Mesmo sendo uma das mais jovens em alguns desses ambientes, fui encorajada a permanecer, aprender e crescer.

Esse investimento fez toda a diferença. Foi nesse contexto que surgiu o convite para participar do projeto *Um Ano em Missão*, uma experiência que não apenas fortaleceu minha fé, mas redefiniu minha visão de vida e ministério.

Hoje, posso afirmar que esse cuidado e incentivo moldaram a maneira como enxergo minha própria profissão. O Direito deixou de ser apenas um meio de sustento e se tornou um instrumento de missão. Minha atuação profissional

Quando a igreja investe em um jovem, não está apenas preparando alguém para o presente, mas formando líderes para a eternidade.

passou a ter propósito espiritual – uma extensão do meu chamado.

Por isso, é fundamental que pastores e líderes

compreendam: há um potencial imenso sendo formado nos jovens da igreja, mas esse potencial precisa ser cultivado.

Invistam tempo. Invistam atenção. Invistam oportunidades. Incluam os jovens em treinamentos, envolvam-os em projetos, desafiem-os a sair da zona de conforto e confiem a eles responsabilidades reais. O apoio de um líder pode ser o ponto de partida para que um jovem descubra não apenas o que faz bem, mas também para que entenda para que foi chamado.

Compreendo que discipular um jovem passa, necessariamente, por comunidade e pertencimento. No livro *Como Reavivar a Igreja no Século 21*, Russell Burrill apresenta uma verdade essencial: a igreja deve ser um espaço que restaura comunidades à imagem de Deus – comunidades marcadas pela interdependência, e não pelo individualismo. Como o próprio autor destaca, Deus não cria indivíduos isolados, mas uma comunidade que reflete Sua natureza relacional.

Vivemos, porém, em uma cultura que valoriza a autonomia e o sucesso individual. É justamente nesse contexto que surge um dos grandes desafios do discipulado hoje: o choque geracional.

As novas gerações estão imersas em um ambiente digital, dinâmico e acelerado. Elas se comunicam, aprendem e se conectam de maneiras diferentes. Nesse cenário, o papel do pastor não é competir com essa realidade, mas compreendê-la e redimi-la, tornando-se uma ponte entre a verdade eterna e as novas formas de comunicação.

Quando há disposição para ouvir, aprender e caminhar junto, o discipulado se torna relevante sem perder sua essência. Afinal, discipular vai além de métodos; envolve vida em comunidade.

Não se trata apenas de frequentar a igreja, mas de viver em mútua dependência, refletindo o caráter de Deus nos relacionamentos. O jovem precisa estar inserido em um ambiente em que não apenas participe, mas também

se sinta necessário, conhecido e cuidado.

Além da comunidade, é indispensável reconectar os jovens com a Palavra de Deus. A Bíblia é uma fonte inesgotável de conhecimento, transformação e propósito. No entanto, a realidade é que muitos jovens têm dedicado mais tempo a “rolar o feed” do que a se aprofundar nas Escrituras.

Diante disso, a igreja precisa agir com intencionalidade: ocupar esses espaços e usar a tecnologia como aliada na pregação do evangelho. Estar presente onde os jovens estão, sem diluir a mensagem, é um dos grandes desafios – e também uma grande oportunidade.

Por fim, discipular as novas gerações não é apenas ensinar; é caminhar junto. O jovem precisa olhar para a igreja e sentir: “eu pertenço a esse lugar”. Porque, no fim, a nova geração não precisa apenas de programas, mas de pessoas – pessoas que caminhem juntas, que invistam e que revelem, na prática, o amor de Cristo.

Daniel Tapia

Tenho 24 anos, sou peruano e recém-formado em Medicina pela Universidade Peruana Unión, no Peru. Carrego como propósito servir ao próximo de forma integral, promovendo cuidado na saúde física e mental e, sobretudo, no aspecto espiritual, compartilhando a mensagem de Deus com todos.

Os jovens adventistas, ao longo dos anos, têm enfrentado diversas dificuldades em sua caminhada cristã. Em um mundo no qual a religião é comumente motivo de desprezo ou afastamento, muitos procuram caminhos que lhes permitam se encaixar na sociedade. Nesse contexto, espera-se que a igreja ofereça acolhimento, aliando participação, ensino e aprendizado, de modo que os jovens direcionem sua vida a um propósito maior: a salvação e a missão de levar outros a Cristo.

Quando o jovem se envolve ativamente nas atividades da igreja, seu senso de pertencimento é fortalecido. No entanto, muitos ainda se sentem afastados ou isolados, seja por diferenças de perspectiva em relação às



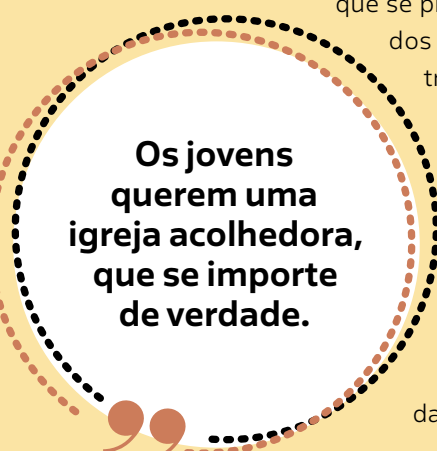
gerações mais experientes ou por atitudes que soam como julgamento. Por isso, o ensino da igreja e do pastor deve ir além da salvação e da missão, abrangendo também aspectos práticos da vida, como formação de caráter, fortalecimento emocional, propósito e orientação para relacionamentos.

A igreja, fundamentada na Bíblia, possui um vasto conteúdo capaz de atrair e edificar os jovens. Criar espaços onde eles possam expressar opiniões e sugerir ideias representa um avanço significativo, pois valoriza sua participação e sua visão de mundo. Nesse processo, o pastor exerce papel essencial ao orientar como viver de maneira equilibrada em meio aos desafios contemporâneos.

Para isso, é fundamental que o pastor se aproxime dos jovens, participando de suas atividades e compreendendo sua realidade, seus desafios e sua linguagem. Essa proximidade favorece uma comunicação mais eficaz e permite direcioná-los melhor na missão de alcançar outras pessoas.

Além disso, o pastor deve atuar como conselheiro, assumindo, em muitos casos, um papel semelhante ao de um pai. Muitos jovens não tiveram referências familiares sólidas e encontram na liderança espiritual apoio, orientação e exemplo. Sua postura, atitudes e testemunho influenciam profundamente, pois os jovens aprendem não apenas pelo que ouvem, mas também pelo que observam.

O caminho para discipular as novas gerações passa por ensinar a Palavra de Deus com fidelidade, viver o que se prega e caminhar mais perto dos jovens. Não basta apenas transmitir conhecimento das Escrituras; é essencial construir relacionamentos de confiança, nos quais haja diálogo, troca de ideias e aplicação prática dos princípios bíblicos no cotidiano – no trabalho, nas amizades, no lazer e na vida da igreja.



**Os jovens
querem uma
igreja acolhedora,
que se importe
de verdade.**



Malena Gaona

Tenho 26 anos e nasci em Encarnación, Paraguai. Servi como missionária nos projetos “Um Ano em Missão” (OYiM ABaC 2022) e “Serviço Voluntário Adventista” (SVA APLaC 2024), atuando como professora de espanhol. Sou líder jovem e, atualmente, faço parte de vários ministérios na minha igreja local, como a comissão de jovens, o Ministério de Comunicação e o Clube de Desbravadores.

Estou sempre ativa e envolvida em diferentes projetos missionários, disposta a servir onde Deus me chamar. Ao longo desse caminho, Deus me permitiu conhecer muitos jovens e, nas próximas linhas, desejo compartilhar o que eles pensam e sentem sobre os pastores e a igreja.

De distintos pontos de vista, muitos jovens adventistas concordam que esperam de seus pastores e líderes, acima de tudo, proximidade, interesse genuíno e autenticidade. Não se trata apenas de receber ensinamentos, mas de se sentir ouvido, valorizado e parte ativa da igreja.

Valoriza-se muito quando um líder se aproxima de forma real: quando pergunta como o jovem está, quando o acompanha em seus desafios pessoais e quando está presente além do púlpito. Essa proximidade gera confiança e abre portas para um crescimento espiritual mais sincero.

Ao mesmo tempo, os jovens esperam confiança em suas capacidades. Muitas vezes, há talentos que não se desenvolvem por falta de oportunidades ou por medo de errar. Em vez de descartar alguém na primeira tentativa, espera-se correção com amor, paciência e orientação, compreendendo que o crescimento também envolve erros.

Outro aspecto-chave é o exemplo. Os jovens não querem apenas ouvir o que devem fazer, mas ver vidas que reflitam Cristo no cotidiano: na forma de tratar os outros, na empatia, na alegria e na coerência entre o que se diz e o que se vive.

Além disso, há uma necessidade muito evidente de que a igreja aborde os desafios reais dessa geração, como ansiedade, pressão social, identidade e lutas emocionais. Os jovens buscam uma orientação espiritual que também seja prática, atual e sensível às suas realidades.

Quanto ao discipulado, creio que ele não deve se basear em ideias humanas, mas em princípios bíblicos. A verdadeira mudança começa quando Cristo está no centro da vida, pois é Ele quem transforma hábitos, pensamentos e decisões.

O maior modelo continua sendo Jesus: Ele escolheu pessoas comuns, até desacreditadas por outros, mas enxergou seu potencial. Ele escolheu jovens! Por meio do amor, da paciência e do tempo compartilhado, formou-os para uma missão maior. Por isso, discipular não é apenas ensinar conteúdos, mas acompanhar, caminhar juntos, investir tempo, ouvir e guiar com amor. Trata-se de um relacionamento, não de um programa.

Seguindo o modelo de Cristo, o discipulado torna-se uma experiência transformadora, tanto para quem guia quanto para quem é guiado.

reais, não virtuais. Não esperam líderes perfeitos, mas pessoas que vivam de forma coerente com aquilo que pregam.

Além disso, os jovens querem uma igreja acolhedora, que se importe de verdade. Precisam de pastores de carne e osso, que sintam e compreendam suas lutas e caminhem ao seu lado. Homens de Deus que liderem pelo exemplo, e não só com palavras; que, por trás de lindos sermões, vivam o que ensinam. Esses são os verdadeiros *influencers*!

Acredito que a melhor maneira de discipular as novas gerações é por meio da amizade. Embora essa resposta pareça simples, ela é profundamente desafiadora na prática. Não há meio mais eficaz de alcançar um jovem do que sendo acessível e compreensível, pois somente quando vínculos de amizade são estabelecidos torna-se realmente possível fazer novos discípulos. Uma vez formados, esses vínculos podem durar por toda a eternidade.

Nesse contexto, um grande erro que muitos cometem é tentar, por si mesmos, reformular ou “consertar” o pensamento e o caráter do jovem. Contudo, ao fazer isso, acabam fechando o coração do ouvinte à mensagem.

Devemos nos lembrar de que a obra de transformação do caráter exige tempo e pertence ao Espírito Santo. Nossa tarefa no discipulado é sermos amigos e tornar a mensagem acessível por meio do nosso exemplo. O maior desafio – e também o objetivo do discipulador – é tornar a própria vida um memorial do amor de Deus. ■

João Argenton

Cresci em um lar pastoral onde, desde cedo, aprendi a dedicar tempo, recursos e talentos à obra de Deus. Experiências simples – como esperar longos períodos dentro de um carro até que uma “breve comissão” terminasse, ou cumprimentar pessoas desconhecidas na igreja – contribuíram para me ensinar a amar a missão e a me comprometer com ela.

Com o passar dos anos, esse ambiente despertou em mim um claro senso de chamado. Pela graça de Deus, tive a oportunidade de participar de missões transculturais, incluindo uma experiência marcante em Guiné-Bissau, no continente africano, e outra no Paraguai, na América do Sul. Atualmente, curso o Ensino Médio no Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina (IAESC) e sigo convicto do meu chamado para o ministério pastoral.



Muito se fala hoje sobre como alcançar as novas gerações, mas, na prática, ainda existem alguns equívocos. Ao contrário do que muita gente pensa, os jovens não esperam – nem precisam – de pastores blogueiros, famosos ou *coaches* espirituais. Também não são atraídos apenas por estruturas grandiosas ou templos sofisticados. O que realmente chama a atenção da geração jovem – da qual faço parte – é a autenticidade e a transparência. As novas gerações querem líderes





Carlos Campitelli
líder do Ministério
Jovem da Igreja
Adventista para a
América do Sul



Juventude em crise ^{ou} discipulado em falta?

Como a igreja pode formar jovens protagonistas da missão



A igreja contemporânea não enfrenta uma crise de juventude; enfrenta, em essência, um desafio estrutural de discipulado. Essa afirmação não busca simplificar a realidade, mas reposicionar a responsabilidade da liderança diante de uma mudança de paradigma.

Ao longo da caminhada ministerial, tenho percebido que os desafios relacionados às novas gerações não nascem de uma apatia espiritual intrínseca, mas da lacuna entre a cultura eclesial tradicional e a necessidade de um discipulado que seja, simultaneamente, intencional, cognitivamente relevante e profundamente relacional. Quando o discipulado é frágil, as conexões tornam-se superficiais; quando é consistente, o jovem deixa de ser espectador e passa a ser protagonista da missão.

Esse cenário ganha relevância estatística na América do Sul. Segundo o sistema ACMS (2026), jovens entre 16 e 30 anos representam cerca de 30% da membresia, mas ocupam apenas 18,5% das funções de liderança e escassos 7,2% no ancionato. Mais do que um desequilíbrio numérico, esses dados revelam uma crise de representatividade funcional.

Precisamos questionar: nossas estruturas de liderança são flexíveis o suficiente para o dinamismo das novas gerações? Discipular, nesse contexto, implica não apenas “dar um cargo”, mas assumir uma “liderança chaveiro” – confiando as chaves da autoridade aos mais novos e abrindo espaços de cogestão. É fundamental entender que um ministério saudável é feito *com* os jovens, e não *para* os jovens, permitindo que a energia da juventude e a experiência dos mais velhos

atuem em simbiose, superando modelos burocráticos que já não comunicam propósito.

O coração do discipulado

Talvez a pergunta vital não seja “por que os jovens saem?”, mas “como estamos formando os que ficam?”. A conhecida orientação de Ellen White ressoa com nova urgência: “O primeiro trabalho a fazer pelos membros de nossas igrejas é fazê-los interessar-se pela nossa juventude; pois essa necessita de bondade, paciência, ternura, regra sobre regra, mandamento sobre mandamento.”¹ Isso exige uma transição da postura defensiva para uma postura formativa.

Somos lembrados pela mesma autora de que “temos hoje um exército de jovens que, se for corretamente dirigido e incentivado, poderá fazer muito”.² No entanto, no século 21, essa “direção” não ocorre por meio de comando e controle, mas por influência exercida tanto por líderes na alta administração quanto por mentores próximos. As novas gerações possuem um “radar de autenticidade” altamente apurado. Elas não buscam adultos infalíveis, mas adultos coerentes. O discipulado não começa no discurso do púlpito, mas na transparência da vida cotidiana. Nossa espiritualidade e a forma como tratamos o próximo são observadas e internalizadas como o único evangelho que muitos jovens estarão dispostos a ler.

Como afirma o pastor Bill Hull, a missão central da igreja é fazer discípulos. Ele define o discipulado como “a experiência cristã mais ampla”, “a vida contínua do discípulo”.³ Em um mundo de conexões digitais hiperestimuladas e identidades fragmentadas, o discipulado oferece aquilo que o algoritmo não pode entregar: pertencimento. A formação espiritual não ocorre apenas em ambientes formais; ela se desenvolve na “transmissão de vida” que acontece nas conversas informais e decisões compartilhadas. Discipulado é proximidade. É investir o ativo mais escasso da modernidade: o tempo.

Ao ouvirmos as novas gerações, percebemos que o desejo não é por uma igreja esteticamente “moderna”, mas por uma comunidade visceralmente verdadeira. Como destacam Kara Powell, Jake Mulder e Brad Griffin, a fé duradoura nasce de relacionamentos significativos.⁴ O jovem não quer apenas participar de um programa; ele quer pertencer a um organismo vivo.

Nesse contexto, a imagem da igreja como família torna-se o modelo pedagógico mais eficaz. Discipular implica conhecer histórias, ser empático com as dores e celebrar sonhos e conquistas. Exige o exercício da escuta ativa – um cuidado que transforma o envolvimento em pertencimento. Mais do que “falar para” os jovens, precisamos “caminhar

com” eles, permitindo, inclusive, processos de *mentoria reversa*, nos quais a liderança adulta se dispõe a aprender com a perspectiva e a sensibilidade das novas gerações.

O discipulado também requer confiança como parte do aprendizado. O pastor Lucas Leys afirma que a igreja deve ser um trampolim para a maturidade. Isso significa oferecer oportunidades reais de liderança, aceitando os riscos do processo em favor do crescimento do indivíduo.⁵

Essa visão é ampliada pelo pastor Stanley Arco ao destacar as dimensões de *desafiar, integrar e cuidar*. *Desafiar* conecta o jovem a uma causa maior que ele mesmo; *integrar* fortalece a rede de apoio; e *cuidar* sustenta a jornada como um discípulo em crescimento. O professor Steven Argue acrescenta que a fé se desenvolve melhor em ambientes de pertencimento, e não de desempenho.⁶ Antes de exigir resultados funcionais do jovem, a igreja deve acolher sua humanidade.

Adoração coletiva e a centralidade da Palavra completam esse ciclo. Precisamos de uma pregação bíblica que não apenas informe, mas que responda às dúvidas intelectuais e existenciais das novas gerações. O discipulado não é um evento isolado no calendário; é um processo contínuo de vida compartilhada.

Conclusão

Identidade, liderança e discipulado estão intrinsecamente ligados. A identidade define quem o jovem é em Cristo; a liderança expressa esse chamado; e o discipulado é o método pelo qual ele amadurece. Ignorar a complexidade desse processo é enfraquecer o futuro da missão. O convite que se apresenta não é para inventar novas estratégias de engajamento, mas para recuperar o essencial: o relacionamento como método e a vida como mensagem.

As novas gerações não são um problema a ser administrado, mas a força missionária de uma igreja que se recusa a envelhecer espiritualmente. Deus ama tanto a vitalidade que, no Céu, a renovação será eterna. Nossa tarefa é viver de forma coerente hoje, discipulando com intencionalidade, para formar uma geração que não apenas espere o futuro, mas que o construa sob a direção de Deus, apressando o encontro com Cristo. ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 41, 42.
- 2 Ellen G. White, *A Igreja Remanescente* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2025), p. 23.
- 3 Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship* (Colorado Springs, CO: NavPress, 2006), p. 35.
- 4 Kara Powell, Jake Mulder e Brad Griffin, *Growing Young* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2016).
- 5 Lucas Leys, *Liderazgo Generacional* (Dallas, TX: e625, 2017).
- 6 Steven Argue, *Sticky Faith Service Guide: Rooting Young People in the Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2014).

Perfil da Juventude

1 EM CADA

4



MEMBROS DA IGREJA NA AMÉRICA DO SUL TEM ENTRE **16 E 30 ANOS**.

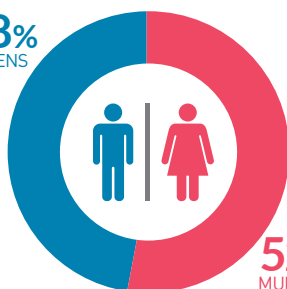


Estão majoritariamente em uma fase de estudos, inserção no mercado de trabalho e tomada de decisões que moldam identidade, vocação e propósito. Nesse contexto, é fundamental oferecer orientação, espaços de escuta e lideranças que inspirem.

IDENTIDADE

Gênero

48%
HOMENS



52%
MULHERES

Estado Civil



81%
SOLTEIROS

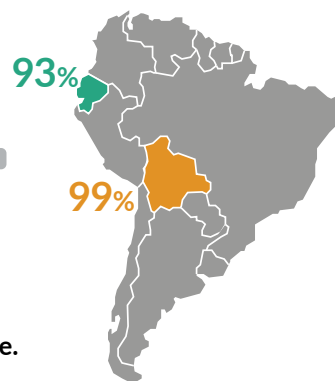


Origem Religiosa

73%

VIERAM DE OUTRAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS

Na Bolívia e no Equador esses índices chegam a **93%** e **99%** respectivamente.



Esse dado reflete os esforços missionários da igreja, ao mesmo tempo que reforça a necessidade de acompanhamento contínuo, formação teológica/denominacional e linguagem contextualizada.

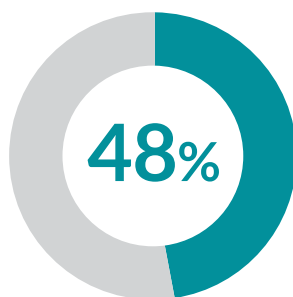
COMUNIDADE

Dos 711 MIL JOVENS cadastrados na Secretaria da Divisão Sul-Americana,



343 MIL

(48%) participam de forma assídua dos cultos e das programações da igreja.



Esse dado evidencia a necessidade de fortalecer a vivência comunitária, promovendo conexões significativas, aprofundando a espiritualidade, oferecendo cultos relevantes e intensificando a visitação e o acompanhamento pastoral.

MISSÃO

MISSÃO CALEBE

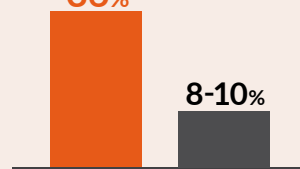


Mais de 125 mil jovens, entre 16 e 30 anos, participam da **MISSÃO CALEBE**. Isso representa 36% daqueles que frequentam a igreja regularmente. Trata-se de um percentual significativo, considerando que estudos sobre mobilização de igreja indicam que apenas entre 8% e 10% dos membros se envolvem na missão. Esse dado revela que a Missão Calebe é um projeto missionário de amplo alcance.

ENGAJAMENTO MISSIONÁRIO

36%

8-10%





Em 2025, os jovens sul-americanos foram responsáveis por

178 MIL
DOAÇÕES DE SANGUE

UM ANO EM MISSÃO (OYiM)

Entre 2014 e 2025, 7.726 voluntários integraram o projeto Um Ano em Missão (OYiM). Somente nos últimos cinco anos, eles participaram do plantio de 212 igrejas, da revitalização de 325 congregações e contribuíram para 8.706 batismos.



212
Igrejas plantadas



325
Congregações revitalizadas



8.706
Batismos



A liderança da igreja, em todos os níveis, reconhece que o OYiM exerce impacto transformador na vida dos jovens, tornando-os mais engajados, espirituais e comprometidos com a missão. Uma pesquisa realizada com 1.200 participantes do projeto mostrou que:



91

INGRESSARAM
NO MINISTÉRIO
PASTORAL



453

ASSUMIRAM LIDERANÇA
NAS IGREJAS LOCAIS



129

TORNARAM-SE
VOLUNTÁRIOS EM
TEMPO INTEGRAL



544

SEGUEM SERVINDO EM ALGUMA
FUNÇÃO NA INSTITUIÇÃO

É fundamental manter e/ou criar novas oportunidades missionárias, fortalecendo o senso de propósito, pertencimento e discipulado entre os jovens.

ESTRATÉGIA DE DISCIPULADO

MISSÃO



Desafiar os jovens a se comprometerem pessoalmente com a missão e criar oportunidades para que assumam um papel ativo nas ações da igreja. Para tanto, é importante proporcionar um ambiente de treinamento e dar abertura para novas estratégias de evangelismo.

RELACIONAMENTO



Encorajá-los a cultivar boas amizades implica promover a vida em comunidade, criando espaços em que os jovens possam compartilhar suas experiências, aprender uns com os outros e se fortalecer mutuamente. A tecnologia nunca deve substituir a comunidade religiosa presencial e o contato humano, pois o discipulado é essencialmente relacional.

NUTRIÇÃO



Incentivar as novas gerações a aprofundar sua compreensão da Bíblia e do Espírito de Profecia, visando ao crescimento espiritual e à maturidade na fé. O ensino bíblico, o que inclui a pregação, deve ser relevante, envolvente, criativo, profundo, autêntico, centrado na Bíblia e transformador, conectando-se com a realidade e os desafios enfrentados pelos jovens.

TEMPLO



Motivar os jovens a cultivar uma vida de adoração pessoal e coletiva que não se restrinja a alguns ambientes e horários da semana, tornando-se, portanto, um estilo de vida. Isso se refletirá na qualidade do culto, na frequência às reuniões, no tempo dedicado diariamente à devoção pessoal e na fidelidade a Deus por meio dos dízimos e das ofertas.

Autor: Márcio Tonetti, editor associado da revista *Ministério*.

Fontes: Dados do Sistema de Secretaria (ACMS) e do Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana (S-JA); livro *Maranata* (CPB, 2024, 160 p.).



Jeferson Silva
líder de Desbravadores
e Aventureiros da
Igreja Adventista para a
América do Sul



Além do UNIFORME

O papel dos Desbravadores e Aventureiros na formação das novas gerações

Vivemos em uma era de profundas transformações culturais, tecnológicas e sociais. As novas gerações crescem em um ambiente acelerado, hiperconectado e, muitas vezes, desconectado de valores eternos. Diante disso, a igreja local é chamada a responder com intencionalidade, relevância e fidelidade bíblica. Não basta apenas manter programas; é necessário desenvolver estratégias que formem discípulos comprometidos com Cristo e com Sua missão.

Nesse cenário, o papel pastoral ganha ainda mais relevância. O pastor não é apenas alguém que conduz cultos ou administra rotinas eclesiais; é um formador de pessoas, um discipulador de gerações. É exatamente nesse ponto que os clubes de Desbravadores e Aventureiros se apresentam como uma das ferramentas mais eficazes à disposição da liderança pastoral.

Eles não surgem apenas como uma atividade entre tantas outras, mas como um ambiente intencional de formação espiritual. Afinal, quando investimos nas novas gerações com propósito, deixamos de apenas preencher agendas e passamos a formar vidas para a eternidade.

Por que priorizar os clubes?

Os clubes de Aventureiros e Desbravadores são ministérios oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia voltados ao desenvolvimento integral das novas gerações: Aventureiros (crianças de 6 a 9 anos) e Desbravadores (juvenis e adolescentes de 10 a 15 anos).

Na Divisão Sul-Americana, segundo dados do Sistema de Gerenciamento de Clubes (SGC), esse movimento já alcança mais de 532 mil participantes, distribuídos em cerca de 22 mil clubes, presentes em oito países e 16 Uniões.

Mais do que números expressivos, esses dados revelam uma realidade pastoral concreta: onde há um clube forte, há presença das novas gerações, há conexão com a igreja e há oportunidades constantes de discipulado.

Por isso, ao olhar para esses dados, não estamos diante de estatísticas frias, mas de histórias reais de transformação sendo escritas semana após semana.

Diante disso, surge uma pergunta inevitável para o pastor: o clube de sua igreja está apenas funcionando ou está, de fato, cumprindo seu papel na missão?

Ferramenta de discipulado

O modelo bíblico de desenvolvimento integral, apresentado em Lucas 2:52, encontra nos clubes uma aplicação prática e contínua: “E Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.”

Ambos os clubes trabalham de forma equilibrada o desenvolvimento físico, mental, social e espiritual, oferecendo ao pastor uma plataforma estruturada de discipulado que acontece ao longo de todo o ano, e não apenas em momentos pontuais.

Ellen White reforça essa visão bíblica ao afirmar: “A verdadeira educação significa mais do que avançar em determinado programa de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Diz respeito ao ser por completo, durante toda a vida. É o desenvolvimento harmonioso das aptidões físicas, mentais e espirituais.”¹

Quando o pastor compreende essa integração, deixa de enxergar o clube como um departamento isolado e passa a vê-lo como uma extensão prática do seu ministério. Assim, discipular deixa de ser apenas um discurso e passa a ser um processo vivido.

É exatamente aqui que está a força desses ministérios: eles não apenas transmitem conhecimento, mas constroem experiências que moldam o caráter.

Conservação e missão

Um dos grandes desafios da igreja contemporânea é a conservação das novas gerações. Pesquisas do Grupo Barna indicam que jovens que desenvolvem vínculos significativos dentro da igreja têm muito mais probabilidade de permanecer firmes na fé ao longo da vida.

Os clubes oferecem exatamente esse ambiente relacional e espiritual. No entanto, para que esse potencial seja plenamente desenvolvido, é indispensável uma atuação pastoral intencional.

Quando o pastor se aproxima do clube, ora por ele, valoriza sua atuação no púlpito e o integra à missão da igreja, transforma percepção em prioridade. E, quando isso acontece, o clube deixa de ser apenas um espaço de encontro e se torna um verdadeiro centro de discipulado e envio.

Isso porque a conservação nunca pode ser o ponto final. O chamado de Cristo, em Mateus 28:19, nos lembra de que formar discípulos implica enviá-los. E, quando a igreja investe nas novas gerações com essa visão, não apenas cresce, mas se renova continuamente por meio delas.

Formação de liderança

A formação de líderes não acontece por acaso. Ela exige ambiente, acompanhamento e oportunidade.

Os clubes oferecem exatamente esse ambiente. Ali, crianças e adolescentes aprendem, na prática, valores como responsabilidade, disciplina, trabalho em equipe e serviço. Com o tempo, esses valores se consolidam em liderança.

A orientação de Paulo em 1 Timóteo 4:12 – “Ninguém o despreze por você ser jovem” – deixa de ser apenas um conselho e passa a ser uma realidade.

Esse processo, porém, se fortalece quando há o envolvimento pastoral. Quando o pastor investe no diretor do clube, acompanha sua liderança e incentiva o crescimento dos juvenis, está construindo algo que vai muito além do presente: forma os líderes que sustentarão a igreja no futuro.

Isso nos leva a uma convicção clara: líderes não surgem espontaneamente; são formados quando alguém decide investir neles com intenção e visão.

Fortalecimento da família

O Clube de Aventureiros, especialmente, oferece uma oportunidade singular de atuação pastoral junto às famílias. Diferentemente de muitos ministérios, não trabalha apenas com as crianças, mas envolve diretamente os pais no processo. Isso cria uma ponte natural para o cuidado pastoral e o fortalecimento espiritual do lar.

Ellen White afirma que, “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma; pois, na educação, assim como na redenção, ‘ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo’ (1Co 3:11);”² e essa obra começa dentro de casa.

Quando o pastor compreende essa dinâmica, percebe que o clube é uma porta de entrada para o discipulado familiar. E, quando a família se envolve nesse processo, a fé deixa de ser um evento semanal e passa a se tornar um estilo de vida diário.

Valores que moldam o caráter

Os clubes trabalham intencionalmente com valores que estão no centro da mensagem bíblica: fidelidade, pureza, respeito, serviço e compromisso com Deus.

O princípio do Salmo 119:9 – “De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a Tua palavra” – é vivido de forma prática e constante.

Quando o ensino do clube se alinha à pregação do púlpito, há coerência, reforço e profundidade espiritual. A mensagem deixa de ser apenas ouvida e passa a ser experimentada.

É justamente essa integração que fortalece o discipulado, pois não basta ensinar o que é certo; é necessário conduzir as novas gerações a desenvolver amor pelo que é certo.

Igreja e comunidade

Os clubes possuem uma capacidade singular de conectar a igreja à comunidade. Por meio de ações sociais, projetos missionários e atividades públicas, tornam-se uma presença visível e relevante no território.

Essa atuação prática traduz o evangelho em ações concretas. Em um mundo que busca autenticidade, a igreja precisa ser percebida não apenas pelo que diz, mas pelo que faz.

Quando isso acontece, o ministério pastoral se expande naturalmente, pois a igreja deixa de estar restrita às suas paredes e passa a alcançar pessoas onde elas estão. Assim, o evangelho ganha forma, voz e significado na vida real.

Plantando e fortalecendo clubes

Em muitas igrejas, ainda não há clubes organizados. Em outras, eles existem, mas precisam ser revitalizados. Em ambos os casos, o papel pastoral é determinante.

Provérbios 22:6 nos lembra da responsabilidade de ensinar a criança no caminho correto. No contexto atual, isso exige intencionalidade e estrutura.

Quando o pastor decide investir no clube, está fazendo mais do que iniciar um ministério: está estabelecendo uma base sólida para o discipulado das futuras gerações.

Esse processo pode começar de forma simples: identificando líderes, buscando apoio do Campo, organizando um plano básico e envolvendo as famílias desde o início. Com o tempo, o crescimento virá naturalmente.

Isso porque investir nas novas gerações nunca é uma decisão secundária; é uma prioridade espiritual que influencia tanto o presente quanto o futuro da igreja.

Conclusão

Investir nos clubes de Desbravadores e Aventureiros é uma das decisões mais estratégicas que um pastor pode tomar em seu ministério. É escolher discipular de forma contínua, formar líderes com propósito e preparar uma geração para viver e proclamar o evangelho.

Nossas crianças e nossos adolescentes não são apenas a igreja de amanhã; são a igreja de hoje. E precisam de ambientes que fortaleçam sua fé, desenvolvam seu caráter e os conectem à missão.

Quando a liderança pastoral assume esse compromisso com intencionalidade, o resultado não é apenas crescimento numérico, mas transformação espiritual genuína.

Porque, no fim, não se trata apenas de programas ou estruturas, mas de vidas sendo moldadas para o Reino, de famílias sendo alcançadas e de uma igreja que decide investir onde realmente importa.

Que esse compromisso seja movido por um sonho que nasce no coração de Deus e deve pulsar no coração de cada pastor: *em cada igreja, um clube.* ■

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 7.
- ² White, *Educação*, p. 20.





Keiny Goulart
neuropsicóloga e consultora
do Ministério Adventista
das Possibilidades



OLHAR QUE ABRAÇA

O papel da igreja no acolhimento das novas
gerações com singularidades



O culto começou. A igreja está cheia; a música ecoa pelo templo, e as famílias ocupam seus lugares com a tranquilidade característica de um sábado pela manhã. Tudo parece seguir como sempre: organizado, previsível e reverente, até que um pequeno movimento começa a chamar atenção.

Um menino caminha pelo corredor e observa tudo com intensidade: as luzes, os rostos, os sons. Às vezes, cobre os ouvidos com as mãos. Enquanto outras crianças cantam, ele permanece em silêncio – presente, mas de uma forma diferente. Então surgem os olhares: alguns curiosos, outros impacientes, outros ainda sem saber como reagir. Mas quase ninguém percebe o que se passa com a mãe.

Entre tentar participar do culto e monitorar cada reação ao redor, ela carrega um misto de esperança e tensão. Esperança de que aquele seja um lugar acolhedor para seu filho; tensão por não saber se será abraçada ou julgada. Seu filho é autista e, enquanto as demais pessoas louvam da forma convencional, ela pratica uma adoração silenciosa. Ao mesmo tempo, pergunta-se: “Existe lugar para nós aqui?”

Na igreja, assim como na escola e em outros contextos, existem crianças, adolescentes e jovens com singularidades; pessoas com deficiência e famílias que convivem com desafios intensos e constantes; cuidadores que carregam responsabilidades emocionais e físicas muitas vezes invisíveis; órfãos e crianças em situação de vulnerabilidade que buscam pertencimento; jovens enfrentando questões de saúde mental e pessoas enlutadas reaprendendo a viver. Todos, de alguma forma, entram na igreja esperando serem acolhidos.

É nesse cenário que o Ministério Adventista das Possibilidades (MAP) tem procurado levar a igreja a ampliar o olhar para sete grandes áreas de cuidado. Sua atuação é um lembrete constante de que o evangelho não exclui, não seleciona, não limita, mas alcança, restaura e integra.

Quando olhamos para as novas gerações, percebemos que elas já crescem mais sensíveis à inclusão, mais conscientes das diferenças e mais abertas ao diálogo. Isso nos coloca diante de um desafio e de uma oportunidade: se a igreja não estiver preparada para acolher,

ela não apenas perderá membros, mas também perderá relevância. Por outro lado, quando decide aprender, ajustar e caminhar junto, torna-se um espaço de cura, pertencimento e transformação.

E aqui está um ponto central para pastores e anciãos: as maiores barreiras que enfrentamos hoje não são arquitetônicas, mas comportamentais. Não são as escadas, são os olhares. Não são as portas, são as posturas. Não é a falta de espaço, é a falta de preparo. Isso muda completamente a forma como devemos agir, começando não pela estrutura, mas pela decisão de aprender, ouvir e se aproximar.

O próprio MAP propõe um caminho simples e profundamente transformador: Assimilação, Aceitação e Ação. Primeiro, a igreja aprende e compreende, depois reconhece e acolhe, e então se move de forma prática, intencional e constante, transformando discurso em realidade. Quando isso acontece, histórias começam a mudar.

Como a história da Verônica, em Sergipe, que conheceu a igreja por meio da Educação Adventista. Ela carregava dúvidas, inseguranças e receios sobre frequentar um ambiente que talvez não estivesse preparado para acolher sua filha autista. Porém, a participação em uma oficina da Rede Adventista de Apoio à Família Autista (Raafa) mudou sua perspectiva. Além de apreciar o conteúdo da palestra, ela percebeu que a igreja estava se capacitando para atender pessoas com necessidades específicas.

Esse foi um dos fatores decisivos para que ela decidisse ser batizada. “Se essa igreja foi capaz de acolher a minha filha, então essa será a minha igreja”, Verônica pensou. Esse é o tipo de impacto que nenhuma estratégia isolada consegue produzir, porque nasce de uma cultura transformada.

É exatamente aí que entra o papel da liderança. Pastores e anciãos não apenas conduzem programas: eles ensinam pelo exemplo, direcionam o olhar da igreja e definem o que é prioridade. Quando quebram barreiras, toda a comunidade aprende a fazer o mesmo. Essa transformação não começa com grandes projetos, mas com pequenos passos consistentes.

Isso envolve ouvir as famílias com atenção verdadeira; capacitar recepcionistas e professores para acolher com sensibilidade;

“
Se a igreja
não estiver
preparada
para acolher,
ela não
apenas
perderá
membros,
mas também
perderá
relevância.”

adaptar ambientes e rotinas para evitar sobrecarga. Também significa ensinar a igreja a interpretar comportamentos com empatia. Além disso, requer valorizar dons e incluir na missão; reconhecer e apoiar cuidadores, muitas vezes exaustos; criar espaços seguros para conversar sobre saúde mental; lembrar daqueles que enfrentam luto ou solidão; e enxergar crianças vulneráveis não apenas como quem precisa de ajuda, mas como parte da família de Deus. São ações simples, mas profundamente espirituais, pois a inclusão não é um projeto social, mas uma expressão do evangelho.

Jesus nunca esperou que as pessoas se adequassem para então se aproximar. Primeiro, Ele se aproximava, acolhia, restaurava e, então, transformava. Um dos maiores desafios da igreja hoje é exatamente esse: voltar a olhar para as pessoas antes de olhar para suas limitações. Quando fazemos isso, algo extraordinário acontece. A igreja deixa de ser apenas um lugar de culto e se torna um lugar de pertencimento. Famílias permanecem, crianças florescem, jovens se envolvem, cuidadores encontram apoio e pessoas feridas encontram espaço para recomeçar. Pouco a pouco, aquela pergunta silenciosa

“
**Inclusão
não é um
projeto social,
mas uma
expressão do
evangelho.**
”

começa a ser respondida, não com palavras, mas com atitudes.

No reino de Deus, ninguém é invisível, ninguém é descartável, ninguém está fora do alcance da Sua graça. Talvez, uma das maiores lições que as novas gerações com singularidades estão ensinando à igreja seja o valor do amor paciente, da graça prática e do olhar que enxerga além do comportamento.

Nem sempre a adoração vem em forma de canto, de palavras ou de expressões que estamos acostumados a reconhecer. Às vezes, ela vem no silêncio. E quando a igreja aprende a ouvir, descobre algo profundamente transformador: até o silêncio, quando entregue a Deus, também resulta em adoração. ■

Imagem: AdobeStock

FELIZ DIA DO Colportor

11 DE JULHO



Um ministério dedicado a **transformar a vida**
de quem leva e de quem recebe a mensagem.



SAIBA MAIS EM:

MISSAOPARAVIDA.COM.BR

JUL-AGO-2026 **MINISTÉRIO**

23



Sérgio Festa
candidato ao
PhD em Novo
Testamento pela
Universidade
Andrews



Ver e ouvir as novas gerações

Uma abordagem bíblico-relacional
para o discipulado



Alcançar os jovens no contexto contemporâneo constitui um dos maiores desafios da missão cristã. Inseridos em uma realidade marcada pelo excesso de informação, pela fragmentação das relações e por profundas crises identitárias, muitos deles não buscam prioritariamente respostas doutrinárias, mas reconhecimento, dignidade e a experiência de serem genuinamente ouvidos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre compreendeu sua missão de maneira holística, intimamente vinculada à restauração do ser humano à imagem de Deus, no contexto do grande conflito entre Cristo e Satanás.

Diante desse cenário, alcançar os jovens exige mais do que programas bem estruturados, estilos musicais atrativos ou uma forte ênfase em personalidades carismáticas. Requer uma abordagem que una fidelidade teológica, sensibilidade relacional e a manifestação concreta do caráter de Cristo.

Neste artigo, proponho explorar, de forma sucinta, dois eixos centrais dessa sensibilidade relacional: um de natureza antropológica e outro de caráter prático-missionário. Ambos convergem em dois princípios bíblicos fundamentais para um envolvimento pastoral com as novas gerações que seja, ao mesmo tempo, relevante e fiel à vocação profética adventista: (1) enxergar, em cada jovem, o reflexo vivo da imagem de Deus (*imago Dei*); (2) cultivar uma prática intencional de escuta sensível, atenta e compassiva.

Esses princípios não se reduzem a estratégias funcionais; eles expressam a profundidade da antropologia bíblica e refletem o próprio caráter de Deus revelado nas Escrituras. Além disso, encontram seu modelo máximo na prática missionária de Jesus, que via cada pessoa como digna de atenção, cuidado e amor transformador.

Este artigo nasce de uma experiência profundamente pessoal e formativa que Deus tem me permitido viver ao longo dos últimos quatro anos: um caminho de “desaprender” e “reaprender”, no qual fui desafiado a abandonar fórmulas prontas e a redescobrir a essência do envolvimento pastoral com jovens – sem a pretensão de me apresentar como um especialista ou líder de Ministério Jovem. Trata-se de uma iniciativa pastoral junto a universitários oriundos de diferentes contextos culturais que, de forma surpreendente, demonstraram um sincero anseio por conhecer algo verdadeiro, íntimo e transformador a respeito de Cristo e de Sua mensagem, independentemente de eu ser estrangeiro. Essa vivência não apenas remodelou minha compreensão sobre essa “moçada”, mas também revelou que, quando os

jovens encontram um espaço marcado pela autenticidade e por um encontro real com Deus, o desejo de transformação que emerge é profundo e genuíno.

O “sabichão bobalhão”

Permita-me falar um pouco mais sobre esse episódio, que marcou profundamente minha compreensão acerca do relacionamento com os jovens emergentes. Trata-se de uma experiência metodológica – e não doutrinária – que se tornou decisiva para reconhecer quem eu realmente era e, sobretudo, para discernir o caminho que Deus estava abrindo diante de mim.

Por conhecer bem o funcionamento da igreja e de seus ministérios, eu acreditava ser praticamente impossível errar. Afinal, eu “sabia” como fazer as coisas no ministério. Aqui surge um primeiro alerta crucial: o maior perigo não reside no que não sabemos, mas naquilo que pensamos saber. É precisamente nesse ponto que os equívocos se tornam mais graves.

Iniciei meu envolvimento com os jovens convicto de que meu conhecimento seria suficiente para enfrentar desafios que, na realidade, eu sequer compreendia. Convidei os quatro (únicos) jovens da igreja para uma reunião com o objetivo de discutir a criação de um grupo jovem. Preparei-me cuidadosamente e planejei falar a maior parte do tempo, convencido de que minha exposição os motivaria à ação, especialmente por supor uma afinidade cultural.¹ O resultado foi frustrante: eles saíram exatamente como entraram.

Curiosamente, uma jovem – que se tornou figura-chave em todo o processo – já havia me alertado, mas ignorei seu conselho. Após o encontro, pedi que ela explicasse o que, em sua percepção, havia dado errado. Sua resposta foi simples e profunda: as reuniões deveriam ser orgânicas, sem roteiros pré-estabelecidos ou rígidos – talvez começando com a leitura de um verso bíblico, sem comentários, seguida de uma oração breve e de atividades lúdicas, como levar fardos de água com rótulos substituídos por versos bíblicos escritos à mão. Confesso que, à época, considerei a ideia estranha e inadequada para universitários entre 18 e 30 anos.

Ainda assim, aceitei relutantemente. O resultado foi surpreendente. A partir daquela experiência, os jovens perceberam que um grupo poderia, de fato, nascer e florescer – e foi exatamente isso que ocorreu. O grupo cresceu de quatro para mais de vinte jovens, reunindo-se regularmente duas vezes por semana. Com a autorização da comissão da igreja, eles passaram a conduzir mensalmente o culto de sábado, envolveram-se em ações comunitárias e, ao fim de 2024,

dois jovens foram batizados, enquanto mais de uma dezena segue em estudos bíblicos.

Para alguns, os números podem parecer modestos; contudo, apenas aqueles que atuam em um contexto de pós-pós-cristianismo conseguem dimensionar os profundos desafios envolvidos na proclamação do evangelho nesses ambientes. Além disso, trata-se de jovens intelectualmente preparados, cuja forma de dialogar com a Escritura difere significativamente dos modelos tradicionais, exigindo um elevado nível de preparo exegético, teológico e pastoral. Ainda assim, por mais cuidadoso que seja o esforço humano, ele se mostra insuficiente se não houver a atuação do Espírito Santo na mente e no coração desses jovens.

Foi como se Deus estivesse me dizendo: “Não é você nem o que pensa que sabe; sou Eu, agindo por meio do que você ainda não sabe.” Naquele dia, compreendi que eu não passava de um “sabichão bobalhão”. Apreendi que o perigo frequentemente reside nas certezas não examinadas, que se revelam tolas quando confrontadas com a realidade dessas novas gerações.

O fato é que experiências pessoais dolorosas, somadas a esse episódio, ensinaram-me a depender de Deus e despertaram em mim o desejo de compreender melhor as complexidades, fragilidades e desafios das gerações jovens contemporâneas.² Foi a partir dessa consciência de incapacidade e vulnerabilidade que reaprendi dois princípios fundamentais: enxergar cada pessoa como portadora da imagem de Deus e praticar a escuta atenta. Esses conceitos não são meras técnicas pastorais, mas “expressões do próprio caráter de Deus revelado nas Escrituras”.³

À imagem de Deus

A Bíblia afirma de modo inequívoco: “Deus criou o ser humano à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). O conceito de *imago Dei* implica dignidade, valor e propósito intrínsecos. No contexto adventista, Ellen White destaca que reconhecer a imagem de Deus nas pessoas – com todas as suas faculdades mentais – é essencial para o ministério educativo e pastoral: “A verdadeira educação [prepara] os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento dos outros.”⁴ Ainda assim, muitas vezes nos sentimos incomodados ao permitir que um jovem pense por si mesmo e faça perguntas difíceis. Imperceptivelmente ou não, esquecemos que essa pessoa foi criada à imagem de Deus, com plena capacidade de pensar.

“Quando os jovens encontram um espaço marcado pela autenticidade e por um encontro real com Deus, o desejo de transformação que emerge é profundo e genuíno.”

Ver cada jovem como imagem de Deus significa reconhecê-lo como alguém dotado de valor intrínseco, independentemente de comportamento, histórico ou maturidade espiritual. Jesus exemplificou essa postura ao se aproximar de pessoas marginalizadas – incluindo jovens –, não começando pela correção moral, mas pelo reconhecimento de sua humanidade (Mc 10:21; Jo 1:47). Ele via nas pessoas não apenas o que eram, mas aquilo que poderiam se tornar ao aceitá-Lo. De forma semelhante, somos chamados a olhar para as pessoas – especialmente os jovens das novas gerações – com a intenção de despertar neles o melhor; a resposta, porém, não depende de nós.

Como observa Dietrich Bonhoeffer: “É somente porque Deus vê no homem mais do que a aparência exterior que o amor se torna possível.”⁵ A *imago Dei* também aponta para o potencial moral e espiritual, permitindo que cada jovem se torne colaborador no plano divino.

Algumas implicações

Reconhecer a imagem de Deus nos jovens transforma profundamente o envolvimento com eles:

- Jovens tratados com respeito e dignidade, independentemente de erros passados, tendem a trilhar novos caminhos.⁶ Recordo-me de Timóteo (nome fictício), cuja aparência e desinteresse espiritual eram evidentes. Ainda assim, ao ser tratado com dignidade, começou a perceber que Jesus poderia ser a resposta para sua busca.
- Jovens precisam de espaços seguros. O teólogo Andrew Root observa que ambientes nos quais a identidade e a história são valorizadas favorecem o florescimento espiritual.⁷ O jovem contemporâneo não rejeita necessariamente Deus, mas ambientes percebidos como hostis. Quando encontra um espaço seguro, onde não é julgado negativamente, a transformação se inicia.

Uma das experiências mais significativas vividas em meu grupo de jovens foi a criação de um ambiente propício ao diálogo aberto e honesto durante as reuniões, realizadas em uma das salas da igreja. Nesse espaço, todos se sentem valorizados por suas contribuições, e até mesmo quem coordena a discussão se beneficia da participação de cada um.

- Jovens têm praticado o discipulado, muitas vezes de forma implícita, pois ele começa no reconhecimento do potencial divino, e não na correção imediata de comportamentos.

Paulo reforça essa perspectiva ao afirmar que todos são um em Cristo Jesus (Gl 3:28). Quando os jovens são vistos como portadores da imagem de Deus, o envolvimento com eles deixa de ser meramente instrucional e se torna profundamente relacional.

Ouvir atentamente

A Escritura associa o ouvir atento à verdadeira sabedoria espiritual: “Preste atenção e ouça as palavras dos sábios” (Pv 22:17). “Cada um esteja pronto para ouvir, mas seja tardio para falar” (Tg 1:19). Ouvir, à luz da Bíblia, não é passividade, mas um ato intencional de amor. No ministério de Jesus, o ouvir frequentemente precede o ensino (Lc 24:17-19).

Se desejamos alcançar os jovens hoje, precisamos reaprender a ouvi-los atentamente.⁸ Uma pesquisa conduzida em 2024 pelo *Future of Faith* revelou que a escuta atenta aprofunda a fé, fortalece conexões e cria abertura para o diálogo espiritual.⁹ Curiosamente, mesmo sem conhecer esses dados à época, a experiência prática com o grupo confirmou exatamente esses resultados.

Muitos jovens se afastam não por rejeitarem a Deus ou a doutrina, mas por nunca terem sido verdadeiramente ouvidos. Ouvir atentamente, no contexto adventista, implica comunicar valor antes de transmitir conteúdo, acompanhar processos espirituais e criar ambientes livres de julgamento.

Ouvir não significa concordar com tudo, mas levar a sério aquilo que os jovens levam a sério. Essa escuta reflete o próprio Deus, que ouve o clamor do Seu povo (Êx 3:7).

Um método que conecta em todos os contextos

Ellen White afirma: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo.”¹⁰ O ministério de Jesus era relacional antes de ser confrontativo. Ele via além das aparências (Jo 1:42), escutava profundamente e amava antes de exortar (Mc 10:21). Em *O Desejado de Todas as Nações*, encontramos uma das afirmações mais marcantes para quem reflete sobre relacionamentos

e missão: “O maravilhoso amor de Cristo abrandará e subjugará os corações, quando a simples repetição de doutrinas nada conseguiria.”¹¹

Essa citação evidencia que, no contexto missionário, o impacto genuíno sobre as pessoas não depende apenas da transmissão de informações doutrinárias, mas do testemunho vivo do amor de Cristo. Esse padrão permanece normativo e essencial para a igreja em sua missão de alcançar as novas gerações hoje. Assim, a urgência escatológica jamais deve suprimir a paciência e o amor pastoral.

Conclusão

Alcançar as novas gerações, no contexto da missão adventista, não significa abandonar nossa identidade, mas vivê-la plenamente. Restaurar a imagem de Deus e praticar a escuta atenta são expressões concretas do evangelho eterno. Onde os jovens são vistos, ouvidos e amados, o caráter de Cristo é revelado – e a missão avança com poder e amor. ■

Referências

- ¹ Ainda que se possa identificar certa similaridade cultural entre a América do Sul e a América do Norte, as diferenças entre esses contextos são mais numerosas e significativamente mais relevantes quando devidamente reconhecidas. Para um aprofundamento sobre o conceito de cultura e sua importância no contexto da missão cristã, ver Paul G. Hiebert, *Anthropological Insights for Missionaries* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1985).
- ² Embora seja possível identificar características que marcaram gerações anteriores – como Baby Boomers, por exemplo – muitos especialistas atualmente evitam demarcá-las de forma rígida (Geração Z, Geração Alfa, etc.) basicamente por duas razões. A primeira é de ordem temporal: as transformações culturais e tecnológicas ocorrem hoje em um ritmo muito mais acelerado do que em décadas passadas. A segunda diz respeito ao fato de que essas gerações coexistem e interagem simultaneamente na maioria dos ambientes sociais. Além disso, não se pode ignorar dois fatores que exerceram grande influência na juventude contemporânea: a pandemia da COVID-19 e o impacto da mídia social. Enquanto a primeira ajudou a criar “um novo mundo”, a segunda estabeleceu uma nova maneira de viver.
- ³ Nicholas T. Wright, *Scripture and the Authority of God* (Londres: SPCK Publishing, 2013), p. 115.
- ⁴ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 10.
- ⁵ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Londres: SCM Press, 1954), p. 36.
- ⁶ Stanley Grenz, *The Social God and the Relational Self* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001), p. 78.
- ⁷ Andrew Root, *Revisiting Relational Youth Ministry* (Downers Grove, IL: IVP, 2007), p. 44.
- ⁸ Josh Packard escreveu o livro *Faithful Futures: Sacred Tools for Engaging Younger Generations* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2025), no qual apresenta estratégias fundamentadas em pesquisa para ajudar líderes cristãos a compreender e se conectar com as gerações emergentes, especialmente em um contexto cultural e digital marcado por rápidas transformações.
- ⁹ A pesquisa contou com mais de 1.100 jovens que responderam sobre a importância de se ouvir atentamente. Os resultados foram: 71% afirmaram ter experimentado uma fé mais profunda quando se sentiram ouvidos; 74% concordaram que, quando alguém os escuta sem julgamento, sentem uma conexão maior com essa pessoa; 73% relataram que, ao se sentirem ouvidos em uma conversa sobre fé e espiritualidade, tornaram-se potencialmente mais abertos a discussões sobre esses temas no futuro; 75% indicaram que, ao serem ouvidos, receberam apoio no enfrentamento de desafios espirituais, como dúvidas, desilusões e sofrimento. Disponível em <link.cpb.com.br/512ca7>, acesso em 25/3/2026.
- ¹⁰ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 78.
- ¹¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 664.



Suzete Águas
líder do Ministério
da Criança e do
Adolescente para a
região Sul do Brasil



Pastoreando a Geração Alfa

Como desenvolver a fé em tempos de hiperconectividade

Em poucos anos, a sociedade testemunhou mudanças geracionais mais rápidas do que em qualquer outro período histórico. Crianças nascidas a partir de 2010, conhecidas como Geração Alfa, cresceram cercadas por telas, aplicativos, redes sociais e jogos digitais. Elas não precisaram se adaptar à tecnologia: já nasceram imersas nela.¹

Envolvida em um ambiente saturado de informações, a Geração Alfa vive em constante hiperconectividade, na qual relações, conteúdos e experiências se multiplicam

continuamente, influenciando a forma de aprender, se relacionar e construir identidade. A exposição contínua a esse volume de estímulos tende a fragmentar a atenção e reduzir a sensibilidade espiritual.²

Segundo a jornalista Julia Fregonese, trata-se da maior população infantil da história, marcada pela presença da tecnologia desde os primeiros anos de vida – fator que impacta sua relação com a autoridade e o desenvolvimento da aprendizagem.³

Diante desse cenário, surgem questões centrais: Como conduzir essa geração a uma comunhão pessoal com

Deus? Como tornar a igreja um ambiente que favoreça o crescimento espiritual em meio a tantas distrações?

A Bíblia apresenta um princípio essencial: “Busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça” (Mt 6:33). Discipular a Geração Alfa é conduzi-la a uma experiência com Deus e ajudá-la a compreender que o relacionamento com Ele é o fundamento da vida espiritual.

Uma tarefa imediata

A formação de uma fé resiliente nas crianças é um desafio urgente. Em um contexto marcado pelo secularismo e pelo individualismo, a igreja precisa ressignificar seus métodos de discipulado.

Dados da Secretaria da Divisão Sul-Americana indicam que, nos últimos dez anos, a cada 10 jovens que chegam à denominação, 14 saem (entre 17 e 30 anos de idade).⁴ Esse desinteresse espiritual pode surgir ainda na adolescência: estima-se que cinco em cada dez filhos de lares cristãos se desconectam das práticas regulares da igreja nessa fase da vida.

Uma pesquisa realizada pela Awana, em parceria com o Grupo Barna, aponta três elementos essenciais para uma fé duradoura: pertencer, acreditar e tornar-se.⁵ As crianças precisam se sentir parte de uma comunidade de fé, desenvolver confiança em Jesus por meio das Escrituras e viver aquilo que aprendem.

Esse processo se fortalece por meio de uma abordagem relacional e intergeracional. Mais do que ouvir e memorizar conteúdos, as novas gerações necessitam de experiências significativas e vínculos reais. Assim, o discipulado deixa de ser mera transmissão de informação e passa a ser formação de vida. Como afirmam Lucas Leys e David Noboa: “A igreja não é um lugar para ir, mas uma família à qual pertencer”.⁶ Esse princípio precisa ser vivido, especialmente no cuidado com a Geração Alfa.

A base da fé

Em um mundo instável, em que o excesso de informações torna as novas gerações mais vulneráveis a influências superficiais, a Bíblia permanece como fundamento sólido e seguro.

Como afirma 2 Timóteo 3:16 e 17, a Palavra de Deus orienta, corrige e prepara o cristão para viver de forma íntegra. Mais do que um conjunto de princípios, ela conduz a um relacionamento com Deus.

Apresentar a Bíblia de forma criativa, contextualizada, profunda e relevante é um desafio atual, especialmente ao lidar com a Geração Alfa.⁷ Isso não significa competir com a tecnologia, mas utilizá-la como ferramenta pedagógica e missionária.

O lar ocupa um papel central nesse processo. É nele que se constrói a base do amor a Deus. Os pais refletem esse amor e atuam como os primeiros professores; ao integrarem o estudo bíblico e a oração à rotina, fortalecem a fé dos filhos em meio a um mundo cada vez mais complexo.

A fé também se desenvolve por meio de outros relacionamentos. Crianças e adolescentes aprendem observando a vida de adultos que vivem a fé na prática. A família apresenta esse fundamento, enquanto a igreja amplia esse aprendizado ao promover o convívio entre gerações.

Sobre esse relacionamento intergeracional, Ellen White aconselhou: “Há uma bênção no convívio dos mais idosos com os mais jovens. [...] Aqueles cujo apego à vida está se enfraquecendo necessitam do benéfico contato com a esperança e a vivacidade da juventude. E os jovens podem ser auxiliados pela sabedoria e a experiência dos idosos.”⁸

Discipulado intencional

O discipulado tem como propósito conduzir a um relacionamento pessoal com Cristo. Jovens valorizam experiências espirituais autênticas e relacionamentos significativos mais do que conteúdos teóricos. Dados mais recentes reforçam que essa geração busca pertencimento, propósito e relações de confiança como elementos centrais na construção da fé.⁹

Práticas simples e intencionais fazem diferença: oração, estudo bíblico aplicado à vida e participação em ações de serviço. Ao longo do tempo, essas experiências contribuem para o desenvolvimento de uma fé pessoal, madura e consistente.

A Geração Alfa valoriza a participação. Não deseja apenas observar, mas envolver-se. Quando a igreja integra suas atividades à missão, cria experiências significativas que fortalecem o crescimento espiritual. Essa vivência conecta duas dimensões da fé: a vertical, no relacionamento com Deus, e a horizontal, no serviço e no cuidado com o próximo. Uma fortalece a outra.

Para isso, o discipulado precisa ser intencional. Planejamento, objetivos claros e acompanhamento são essenciais. A igreja se torna mais eficaz quando promove a integração entre gerações por meio de programas, grupos de estudo e ações comunitárias.

Esse compromisso com o discipulado também está alinhado às orientações da Igreja Adventista do Sétimo Dia quanto à formação espiritual e ao envolvimento das novas gerações na missão.¹⁰

Além disso, é necessário criar oportunidades concretas de envolvimento. Crianças e adolescentes que participam da missão desenvolvem um vínculo mais forte com a fé. Estudos indicam que aqueles que se envolvem ativamente dificilmente se afastam.¹¹

Esse cuidado é ainda mais importante diante dos desafios atuais. A secularização e o avanço da tecnologia impactam diretamente a formação espiritual, especialmente na infância e na adolescência. Nesse contexto, líderes podem subestimar seu papel, e a falta de apoio aos ministérios infantis pode comprometer o desenvolvimento da fé.

Por outro lado, pesquisas mostram que a influência de líderes e professores é significativa, especialmente entre os 13 e os 25 anos. Quando há intencionalidade, apoio familiar e convivência intergeracional, o desenvolvimento da fé se torna mais consistente.

Ellen White alertou: “Tem sido dada bem pouca atenção a nossas crianças e jovens, e eles têm deixado de se desenvolver na vida cristã como deveriam porque os membros da igreja não os consideram com ternura e compreensão no desejo de vê-los crescer espiritualmente. Em nossas grandes igrejas, poderíamos fazer muito por nossos jovens.”¹²

Missão em um mundo hiperconectado

A realidade digital exige adaptação. Se a Geração Alfa é conectada e interativa, a igreja precisa considerar isso ao ensinar e discipular. Conteúdo e metodologia devem despertar interesse e promover transformação. Ainda assim, a experiência presencial permanece essencial.

A presença digital deve apoiar a missão, não substituí-la. O discipulado “cara a cara” envolve toda a igreja. Isso inclui adaptar métodos, capacitar líderes e valorizar relacionamentos. Também significa abrir espaço para que as novas gerações participem ativamente.

Quando crianças e adolescentes assumem responsabilidades – no louvor, na recepção, em pequenos grupos, na comunicação ou em ações missionárias – desenvolvem senso de pertencimento e propósito. O protagonismo fortalece a fé.

Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver estratégias intencionais que fortaleçam o discipulado desde a infância, conectando ensino, experiência e missão de forma integrada. Ellen White aconselhou: “Quando um jovem se converte, não deve ser deixado ocioso; deve-se dar a ele alguma coisa para fazer na vinha do Mestre, de acordo com sua capacidade, pois o Senhor deu a cada um a sua obra.”¹³

Fé construída desde a infância

Nesse cenário, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu o currículo *Vivos em Jesus*, um programa global voltado ao discipulado de crianças no contexto da Escola Sabatina. Seu objetivo é promover um relacionamento vivo com Cristo desde os primeiros anos de vida, por meio de experiências

práticas e significativas. A proposta se baseia em três pilares: graça, caráter e missão.

Mais do que ensinar conteúdos, busca formar uma fé que se expressa na vida diária. Esse processo envolve não apenas a igreja, mas também o lar e a comunidade. O discipulado se torna parte da rotina e contribui para a construção de uma identidade cristã sólida.

Conclusão

Uma igreja comprometida com as novas gerações discipula crianças, adolescentes e jovens, promove relacionamentos significativos entre as diferentes idades e os envolve na missão. Sem essa visão, o afastamento da fé torna-se mais provável.

A Bíblia evidencia o papel das novas gerações na missão (Jo 2:28) e orienta a transmissão da fé no ambiente familiar (Dt 6:4-9). A fé se fortalece quando há integração entre Bíblia, oração, serviço, relacionamentos e convivência entre gerações. Em um mundo complexo, as novas gerações precisam de direção clara – e essa direção permanece centrada nas Escrituras.

Jesus destacou o valor das crianças ao afirmar: “Deixem os pequeninos e não os impeçam de vir a Mim, porque dos tais é o Reino dos Céus” (Mt 19:14). O discipulado exige intencionalidade, cuidado e compromisso, conduzindo as novas gerações aos pés de Cristo.

Mais do que manter as novas gerações na igreja, o desafio é envolvê-las na missão. Uma igreja que as acolhe, as discipula e confia nelas não apenas preserva a fé, mas também contribui para o avanço do evangelho. ■

Referências

- 1 Brenda Chérolet, “Geração Alpha: O Que é e Como Lidar?”, disponível em <link.cpb.com.br/299fe6>, acesso em 15/4/2026.
- 2 Georgie Walsh, “7 Características da Geração Alfa que Você Precisa Conhecer Para 2025”, disponível em <link.cpb.com.br/87f5ff>, acesso em 15/4/2026.
- 3 Julia Fregonese, “Geração Alfa: Reflexos do Maior Grupo de Indivíduos da História”, disponível em <link.cpb.com.br/625175>, acesso em 15/4/2026.
- 4 Felipe Lemos, “Relatório Aponta Tendências Para Adventismo Sul-Americano”, disponível em <link.cpb.com.br/385dec>, acesso em 15/4/2026.
- 5 Barna Group, *Children’s Ministry in a New Reality* (Ventura, CA: Barna Group, 2022).
- 6 Lucas Leys e David Noboa, *Proyecto Discipulado* (Dallas, TX: E625, 2020), p. 13.
- 7 Paulo Teixeira, “A Menina, a Revista e o Smartphone: Uma Reflexão Sobre Engajar a Geração Alfa com a Palavra de Deus”, disponível em <link.cpb.com.br/518ce0>, acesso em 15/4/2026.
- 8 Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 164, 165.
- 9 Springtide Research Institute, “Thirteen: A First Look at Gen Alpha”, disponível em <link.cpb.com.br/5f41aa>, acesso em 15/4/2026.
- 10 Igreja Adventista do Sétimo Dia, *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2025), p. 47-51.
- 11 Barna Group, *Children’s Ministry in a New Reality*.
- 12 Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 32.
- 13 Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 51.



f @ x v /cpbeditora

CPB.COM.BR



Acesse e conheça
nossas 20 livrarias



Imagem: CPB / Alameda Stock / Imagem Germinativa

JUNTOS EM FAMÍLIA,

MAIS PERTO DE DEUS

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

BAIXE O APP
CPB LOJA





Claudiney Santos
secretário ministerial
para a região sudeste
do Brasil



O ANCIONATO E AS NOVAS GERAÇÕES

O ancião é um líder espiritual local, reconhecido e escolhido pela congregação, com influência direta na atmosfera de fé da igreja. No cuidado com crianças, adolescentes e jovens, sua liderança deve se expressar em presença próxima, capaz de inspirar confiança, abertura e referência espiritual.

A atual geração precisa de líderes que façam pontes entre doutrina e vida real, especialmente quando se trata da fé profética do remanescente. Isso se relaciona diretamente com o ministério do ancionato, chamado a traduzir o evangelho eterno para a realidade vivida pelos mais jovens.

Pesquisas demonstram que o período entre 15 e 25 anos é um dos momentos mais críticos de desengajamento religioso. O pastor Roger Dudley observou que um fator que contribui para a saída de jovens adultos da igreja é a "falta de inclusão da participação dos jovens na vida e na liderança da congregação". De acordo com os participantes da pesquisa de Dudley, uma igreja ideal é aquela em que os jovens adultos estão "ativos na vida do grupo".

De que maneiras práticas o ancionato pode contribuir para o cuidado com as novas gerações? Vejamos:

1. *Organização das estruturas da igreja para fortalecer as novas gerações.* Cabe ao ancionato zelar para que a estrutura física da igreja reflita sobre a importância das novas gerações. Isso inclui



investimento consciente nas salas dos departamentos da Escola Sabatina, adaptadas para cada faixa etária, com ambientes adequados, seguros e pedagógicos.

A Escola Sabatina, historicamente compreendida como o “coração da igreja”, deve ser fortalecida como espaço de discipulado, não apenas de ensino, criando experiências bíblicas relevantes para cada etapa do desenvolvimento.

2. *Organização do calendário da igreja.* Uma ação prática fundamental é a organização equilibrada do calendário anual da igreja, garantindo espaço real, e não apenas simbólico, para os ministérios voltados às novas gerações. O ancionato deve evitar sobreposições excessivas e reconhecer que as atividades infantis, juvenis e de jovens fazem parte da missão central da igreja. Planejamento, previsibilidade e apoio institucional comunicam valor e ajudam os líderes desses ministérios a atuarem com excelência e propósito.

3. *Envolvimento e integração das novas gerações nas atividades da igreja.* O ancionato deve promover a participação ativa das novas gerações na vida da igreja, integrando-as em escalas litúrgicas, projetos, comissões e decisões, sempre de forma adequada à maturidade de cada grupo. A igreja deixa de ser apenas um espaço de consumo religioso e passa a ser um ambiente de pertencimento e serviço. Ellen White enfatiza que jovens devem ser preparados, confiados ao serviço e envolvidos diretamente na obra de Deus, pois a experiência prática fortalece a fé e solidifica a identidade cristã.²

4. *Fortalecimento da participação missionária.* Por fim, o ancionato deve encorajar e apoiar fortemente o envolvimento missionário das novas gerações. Iniciativas como Missão Calebe, Um Ano em Missão (OYiM) e outras formas de voluntariado missionário se mostram, na prática, poderosos instrumentos de discipulado, amadurecimento espiritual e confirmação do chamado cristão. A missão deixa de ser um discurso e se torna uma vivência concreta, alinhando identidade, fé e propósito.

O cuidado com crianças, adolescentes e jovens não é um ministério periférico, mas parte essencial da missão da igreja. Deus sempre trabalhou de maneira intencional com as novas gerações (Dt 6:4-9; Sl 78:4-7). Em Seu ministério terrestre, Cristo colocou crianças e jovens no centro de Sua atenção, acolhendo-os e abençoando-os (Mc 10:13-16). Há estudiosos que sugerem que os próprios discípulos de Jesus eram, em sua maioria, jovens.

Da mesma forma, líderes de hoje são chamados a proteger a fé e orientar os mais novos ao discipulado ativo

e ao serviço. O pastor Barry Gane escreveu: “Quando a congregação trata os mais novos como parceiros no ministério, com confiança, voz e responsabilidade real no serviço e no evangelismo, eles desenvolvem fé própria, maturidade e compromisso de longo prazo com a missão da igreja”.³

Investir nas novas gerações é responder ao próprio chamado de Deus para preservar a fé e apressar a missão do evangelho eterno. Nesse contexto, o ancionato é chamado a exercer uma liderança que nutre, acompanha, confia e envia. O ancião fortalece a fé da juventude quando se torna mentor próximo, integrando os mais novos na vida espiritual e no serviço da congregação. A missão da igreja se acelera quando a juventude encontra responsabilidade real e direção espiritual, tornando-se parceira ativa do movimento profético de Deus. ■

O ministério do ancionato se torna mentoria prática quando o ancião:

- está acessível para dialogar sobre Deus e decisões de vida;
- pratica a escuta espiritual, acolhendo perguntas honestas sem repreensão;
- remove obstáculos relacionais, evitando uma liderança rígida;
- modela uma fé prática, integrando palavra e ação;
- traduz a linguagem da fé para formatos compreensíveis nas diferentes fases da vida;
- compartilha a missão, incluindo os mais novos no serviço congregacional;
- orienta responsabilidades proporcionais à idade, promovendo o desenvolvimento do caráter e do serviço;
- e coopera com famílias e ministérios locais, unindo lar, igreja e missão.

Referências

- ¹ Roger Dudley, *Why our Teenagers Leave the Church: Personal Stories From a 10-year Study* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 2000), p. 206.
- ² Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 148.
- ³ Barry Gane, *Building Youth Ministry* (Nampa, ID: Pacific Press, 2017), p. 102.



A Loucura da Pregação

Alejandro Bullón
CPB, 2026, 192 p.

Esta obra é um guia prático e fundamentado, fruto de décadas de estudo e experiência, desenvolvido por um dos mais destacados pregadores da atualidade. O autor oferece

ao leitor valiosos conselhos, técnicas e orientações que o capacitarão a desenvolver uma pregação poderosa e eficaz. Com ênfase em uma vida devocional sólida, o pastor Bullón destaca que pregar é viver o evangelho, exaltando Cristo como o centro de toda a mensagem. Inspirador e objetivo, o livro desafia o pregador a ser um instrumento fiel na obra de Deus, comunicando a Palavra com simplicidade, paixão e fidelidade.



¿Podemos Confiar en los Evangelios?

Peter J. Williams
Publicaciones Kerigma, 2021, 135 p.

O autor sustenta que há múltiplas linhas de evidência que confirmam a confiabilidade histórica dos

evangelhos. Em resposta à afirmação considerada infundada e pouco erudita de Richard Dawkins – de que a única diferença entre *O Código Da Vinci* e os evangelhos seria o fato de um ser ficção moderna e o outro ficção antiga –, o livro apresenta uma refutação equilibrada e acadêmica, demonstrando que toda a história converge em Jesus.



Aconselhamento Bíblico Para Todos

Franck Neuwirth
Vida Nova, 2025, 224 p.

Fruto de anos de ministério e pesquisa acadêmica, o livro apresenta uma proposta didática, prática e fundamentada na suficiência das

Escrituras. Trata-se de um manual que capacita conselheiros leigos e líderes, orienta o diálogo responsável com a psicologia e aborda desafios cruciais como depressão, vícios, sexualidade e relacionamentos familiares, preparando a igreja para edificar vidas para a glória de Deus.



Maranata: Um Plano de Discipulado Jovem

Carlos Campitelli, Herbert Cleber, Diego Barros e Cândido Gomes
CPB, 2024, 160 p.

É um guia prático e transformador voltado para o crescimento espiritual dos jovens. Com abordagem re-

levante à realidade contemporânea, oferece um plano completo de discipulado, abordando temas essenciais da fé cristã e propondo atividades que incentivam o compromisso pessoal com Deus e a vivência dos valores cristãos.



Pablo Ale
editor da *Ministério*,
edição da Aces



A PARÁBOLA DO VELHO CARVALHO

Em uma antiga floresta, erguia-se um enorme e respeitado carvalho, líder incontestável da região durante muitos anos. Ao seu redor, cresciam brotos jovens. Com o tempo, o clima mudou: houve menos chuva e mais vento. Então, os brotos se aproximaram e disseram ao carvalho: “Sua sombra nos protege, mas às vezes também nos sufoca. Precisamos de mais luz e mais espaço para crescer.” O carvalho respondeu: “Nada mudará.”

Com o passar do tempo, os brotos enfraqueceram. Muitos cresceram deformados, e outros morreram. Até que, certa noite, uma furiosa tempestade atingiu a floresta. O carvalho resistiu, mas perdeu muitos galhos. Isso permitiu que a luz do sol alcançasse os novos brotos, que começaram a crescer livremente.

Os grandes líderes não são os que mais resistem, mas os que escutam as necessidades das novas gerações. Quem não escuta, ainda que seja forte e sábio, acabará sem uma floresta para liderar.

Ouvir as novas gerações nos tira da zona de conforto. Não acredita? Veja o seguinte: vou reproduzir, a seguir, algumas observações que recolhi de jovens em diferentes países da América do Sul ao longo dos últimos dez anos.

1. “Por que os pastores dizem uma coisa e fazem outra?” Estudos sociológicos indicam que as novas gerações não se impressionam mais com o carisma ou o conhecimento de um pastor ou líder, mas com seu caráter cristão e sua consagração. Elas não são impactadas por líderes apenas capacitados, mas por líderes transformados. Para elas, não existe separação entre o que alguém é no sábado e o que é durante a semana. As novas gerações procuram líderes reais, genuínos, transparentes e que não tenham medo de compartilhar suas lutas de fé.

Os brotos observam a coerência da árvore maior e precisam ser influenciados por ela.

2. “Percebo certa manipulação emocional por parte dos pastores, e isso não me agrada.” E não se trata apenas de gosto pessoal. Simplesmente não é correto. Faça o que tiver de fazer, diga o que tiver de dizer, corrija o que tiver de corrigir e aplique a disciplina necessária. Mas faça tudo com argumentos e princípios bíblicos. Faça com verdade, respeito e amor. Não promovemos uma igreja sem regras nem orientações. Porém, incentivamos o uso de métodos corretos para alcançar as mudanças necessárias. Os brotos precisam ser orientados e acompanhados com um equilíbrio saudável entre justiça e amor, para crescerem com ordem e sabedoria.

3. “Os pastores vivem sem problemas financeiros, e a igreja paga tudo para eles, enquanto nós precisamos dar ofertas.” Muitos adolescentes não conseguem distinguir entre a fidelidade nos dígitos e nas ofertas e o suposto conforto em que vivem alguns líderes. É verdade que ocorreram alguns tristes e poucos casos de enriquecimento ilícito de ministros e que, muitas vezes, se toma a parte pelo todo. Mas também é verdade que somos chamados a dar testemunho de modéstia, e não de ostentação, lembrando que somos missionários e que os bens materiais não são nossa prioridade. Os brotos crescem melhor sob a proteção da humildade e da transparência dos grandes líderes.

O perdão, a graça, a fidelidade, a obediência e o chamado à missão se aplicam tanto aos antigos carvalhos quanto aos novos brotos. Portanto, ouça as novas gerações e dialogue sinceramente com elas, mas também as capacite, instrua e oriente. Seja firme, mas paciente. Os brotos precisam crescer e se desenvolver aprendendo com os carvalhos experientes. ■

“
Os grandes líderes não são os que mais resistem, mas os que escutam as necessidades das novas gerações.
”



FAÇA SUA ASSINATURA DA LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA



projetomana.cpb.com.br



IMAGEM: CPB / Imagem Consultoria

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790606
☎ 15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo



CPB
pra toda a vida